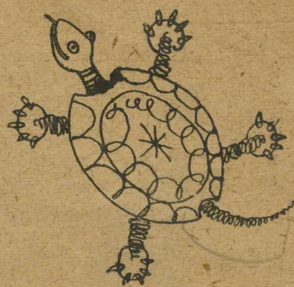


O KÁGADO

(Aos Portugueses, meus compatriotas)



Havia um homem que era muito senhor da sua vontade. Andava às vezes sózinho pelas estradas a passeiar. Por uma destas vezes viu no meio da estrada um animal que parecia não vir a propósito — um kágado.

O homem que era muito senhor da sua vontade, nunca tinha visto um kágado, comtudo, agora estava a acreditar. Aproximou-se mais e viu com os olhos da cara que aquilo era, na verdade, o tal kágado da zoologia.

O homem que era muito senhor da sua vontade ficou radiante, já tinha novidades para contar ao almoço, e deitou a correr para casa. A meio caminho pensou que a família era capaz de não aceitar a novidade por não trazer o kágado com ele, e parou de repente. Como era muito senhor da sua vontade não poderia suportar que a família imaginasse que aquilo do kágado era história dele, e voltou atrás. Quando chegou perto do tal sítio, o kágado, que já tinha ficado desconfiado da primeira vez, enfiou buraco abaixo, como quem não quer a coisa.

O homem que era muito senhor da sua vontade pôz-se a espreitar para dentro e depois de muito espreitar não conseguiu ver senão o que se pôde ver para dentro dos buracos, isto é, muito escuro. De kágado, nada. Meteu a mão com cautela e nada; a seguir até ao cotovelo e nada, por fim o braço todo e nada. Tinham sido experimentadas todas as cautelas e os recursos naturais de que um homem dispõe até ao comprimento do braço e nada.

Então foi buscar auxílio a uma vara compridíssima, que nem é habitual em varas haver assim tão compridas, enfiou-a pelo buraco abaixo mas o kágado morava ainda muito mais lá pró fundo. Quando largou a vara ela foi por ali abaixo, exactamente como uma vara perdida.

Depois de estudar novas maneiras a ofensiva ficou de facto submetida a nova orientação. Havia um grande tanque de lavadeiras a dois passos e, ao lado do tanque estava um bom balde dos maiores que há. Mergulhou o balde no tanque e, cheio até mais não, despejou-o inteiro para dentro do buraco do kágado. Um balde só já ele sabia que não bastava, nem dez, mas quando chegou a noventa e oito baldes, e que já faltavam só dois para cem, e que a água não havia meio de vir ao de cima, o homem que era muito senhor da sua vontade pôz-se a pensar em toda a espécie de buracos que possa haver.

— E se eu não dissesse á minha família que tinha visto o kágado? pensava para si o homem que era muito senhor da sua vontade. Mas, não! Toda a gente pôde pensar assim menos eu, que sou muito senhor da minha vontade.

O maldito sol também não ajudava nada. Talvez que fôsse melhor não dizer nada do kágado ao almoço. A pensar se sim ou não, os seus passos dirigiam-se involuntariamente para as horas de almoço.

— Já não se trata de eu ser um incompreendido com a história do kágado, não, agora trata-se apenas da minha força de vontade. E' a minha força de vontade que está em prova, esta é a ocasião propícia, não percamos tempo! nada de fraquezas!

Ao lado do buraco havia uma pá de ferro, destas dos trabalhadores rurais. Pegou da pá e pôz-se a desfazer o buraco. A primeira pásada de terra, a segunda, a terceira, e era uma maravilha contemplar aquele desempenho, aquela magestosa virilidade que punha os nossos olhos em presença do mais eficaz testemunho da tenacidade, depois dos antigos. Na verdade, de cada vez que enfiava a pá pela terra, com fé, com robustez, e sem outras intenções a mais, via-se perfeitamente que estava ali uma vontade inteira; e ainda que seja scientíficamente impossível que a Terra rachasse de cada vez que ele lhe metia a pá, comtudo, era indiscutivelmente esta a impressão que dava.

Ah não! Não era um vulgar, trabalhador rural! Via-se perfeitamente

que era alguém muito senhor da sua vontade e que estava ali por acaso, por imposição própria, contrafeito, por necessidade, por necessidade do espírito, por outras razões diferentes das dos trabalhadores rurais, no cumprimento de um dever, um dever importante, uma questão de vida ou de morte — a vontade.

Já estava na nonagesima nona pásada de terra, sem afrouxar, com o mesmo ímpeto da inicial, já completamente indiferente por um almoço a menos. Fôsse ou não por um kágado a humanidade iria ver solidificada a vontade de um homem.

A mil metros de profundidade a pino, o homem que era muito senhor da sua vontade foi surpreendido por dolorosa dúvida — não tinha bem a certeza se já era a quinquagesima milionesima octogesima terceira pásada se a quinquagesima milionesima octogesima quarta. Era impossível recomeçar, mais valia perder uma pásada.

Até ali não havia indícios, nem da passagem, da vara, da água ou do kágado. Tudo fazia crêr que se tratava de um buraco supérfluo; comtudo, o homem que era muito senhor da sua vontade sabia que tinha de haver-se frente a frente com todas as más impressões. De facto, se aquela tarefa não houvesse de ser árdua e difícil, também a vontade não podia resultar superlativamente duraz e precisa.

Todas as noções de tempo e de espaço, e as outras noções pelas quais um homem constata o quotidiano, foram todas, uma por uma, dispensadas de participar no esburacamento. Agora, que os músculos disciplinados num ritmo único estavam feitos ao que se lhes pedia, eram desnecessários todos os raciocínios e outros arabescos cerebrais, não havia outra necessidade além da dos próprios músculos.

umas vezes a terra era mais capaz de se deixar furar por causa das grandes camadas de areia e de lama, todavia, estas facilidades ficavam bem subtraídas quando acontecia ser a altura de atravessar alguma dessas rochas gigantescas que há no sub-solo. Sem incitamento nem estímulo possível por aquelas paragens, é absolutamente indispensável recordar a decisão com que o homem muito senhor da sua vontade pegou ao princípio na pá do trabalhador rural para justificarmos a intensidade e a duração desta perseverança. Inclusive, a própria descoberta do centro da Terra, que tão bem podia servir de regosijo ao que se aventura pelas entranhas do nosso planeta, passou infelizmente desapercibida ao homem que era muito senhor da sua vontade. O buraco do kágado era efectivamente interminável. Por mais que se avançasse, o buraco continuava ainda e sempre. Só assim se explica ser tão rara a presença de kágados á superfície: devido á extensão dos corredores desde a porta da rua até aos aposentos propriamente ditos.

Entretanto, cá em cima na terra, a família do homem que era muito senhor da sua vontade, tendo começado por o ter dado por desaparecido, optára, por último, pelo luto carregado, não consentindo a entrada no quarto onde ele costumava dormir todas as noites.

Até que uma vez, quando ele já não acreditava no fim das covas, já não havia, de facto, mais continuação daquele buraco, parava exactamente ali, sem apoteose, sem comemoração, sem vitória, exactamente como um simples buraco de estrada aonde se vê o fundo ao sol. Emfim, naquele sítio nem a revolta servia para nada.

Caindo em si, o homem que era muito senhor da sua vontade pediu-se decisões, novas decisões, outras; mas ali não havia nada a fazer, tinha esquecido tudo, estava despedido de todas as coisas, só lhe restava saber cavar com uma pá. Tinha, sobretudo, muito sono, lembrou-se da cama com lençois, travesseiro e almofada fôfa, tão

longe! maldita pá! o kágado! e deu com a pá com força no fundo da cova. Mas a pá safou-se-lhe das mãos e foi mais fundo do que ele supunha, deixando uma greta aberta por onde entrava uma coisa de que ele já se tinha esquecido há tanto tempo — a luz do sol. A primeira sensação foi de alegria, mas durou apenas uns segundos, a segunda foi de assombro: Teria, na verdade, furado a Terra de lado a lado?

Para certificar-se alargou a grêta com as unhas e espreitou para fóra. Era um país estrangeiro, muito estrangeiro; homens, mulheres, arvores, montes e casas tinham outras proporções diferentes da que ele tinha memória. O sol também não era o mesmo, não era amarelo, era de cobre cheio de azêbre e fazia barulho nos reflexos. Mas a sensação mais estranha ainda estava para vir, foi que, quando quiz sair da cova, julgava que ficava em pé em cima do chão como os habitantes daquele país estrangeiro, mas a verdade é que a única maneira dele poder ver as coisas naturalmente, era pôr-se de pernas para o ar.

Como tinha muita sede resolveu ir beber agua ali ao pé, e teve de ir de mãos no chão e o corpo a fazer o pino porque de pé subia-lhe o sangue á cabeça. Então, começou a ver que não tinha nada a esperar daquele país onde nem sequer se falava com a boca, falava-se com o nariz.

Vieram-lhe de uma vez todas as saudades da casa, da família e do quarto de dormir. Felizmente estava aberto o caminho até casa, fóra ele proprio quem o abria com uma pá de ferro. Resolveu-se. Começou a andar o buraco todo ao contrário. Andou, andou, andou; subiu, subiu, subiu.

Quando chegou cá acima, ao lado do buraco estava

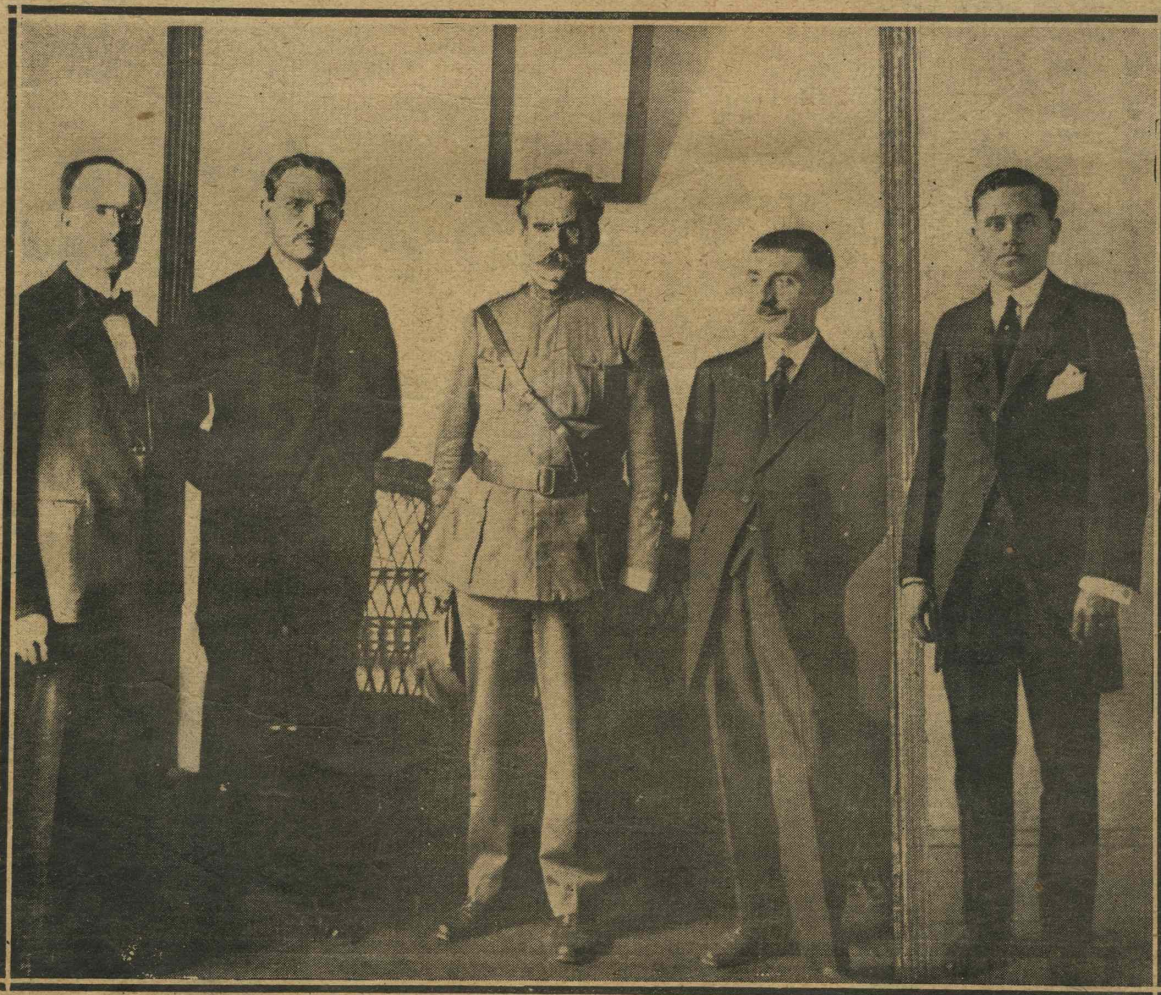
uma coisa que não havia antigamente — o maior monte da Europa, feito por ele, aos pouquinho, ás pásadas de terra, uma por uma, até ficar enorme, colossal, sem querer, o maior monte da Europa.

Este monte não deixava ver nem a cidade onde estava a casa da família, nem a estrada que dava para a cidade, nem os arredores da cidade, que faziam um belo panorama. O monte estava por cima disto tudo e de muito mais.

O homem que era muito senhor da sua vontade estava cançadíssimo por ter feito duas vezes o diametro da Terra. Apetecia-lhe ir dormir na sua querida cama, mas para isso era necessario tirar aquele monte maior da Europa de cima da cidade onde estava a casa da sua família. Então, foi buscar outra pá dos trabalhadores rurais e começou logo a desfazer o monte maior da Europa. Foi restituindo á Terra uma por uma todas as pásadas com que a tinha esburacado de lado a lado. Começavam já a aparecer as cruzes das torres, os telhados das casas, os cúmes dos montes naturais, a casa da sua família, muita gente suja de terra, por ter estado soterrada, outros que ficaram aleijados, e o resto como dantes.

O homem que era muito senhor da sua vontade já podia entrar em casa para descansar, mas quiz mais, quiz restituir á terra todas as pásadas, todas. Faltavam poucas, algumas duzias apenas. Já agora valia a pena fazer tudo bem até ao fim. Quando já era a última pásada de terra que ele ia meter no buraco, portanto, a primeira que ele tinha tirado ao princípio, reparou que o torrão estava a mecher por si, sem ninguém lhe tocar; curioso, quiz ver porque era — era o kágado.

JOSÉ DE ALMEIDA NEGREIROS.



EM LOURENÇO MARQUES. — Grupo tirado por ocasião da conferência a Descoberta do Brasil, que se realizou em Lourenço Marques, sob a presidência do Alto Comissário da Republica Portuguesa — (Da esquerda para a direita): Dr. Antonio Barradas (conferente), Dr. Heitor Passos, Dr. Manuel de Brito Camacho, Dr. Eurico Cabral, Marciano Nicanôr de Távora Vasconcelos da Silva